

# CAMPO GRANDE E O NOVO CANGAÇO

## WANDSON DO NASCIMENTO BATISTA

Submetido em 10/12/2021  
Aprovado em 01/02/2022

Ouçã no spotify



O pavor tomou de conta da Terra de Sant’Ana devido a onda de assaltos ocorrida nos últimos dias. Por “terra de Sant’Ana” não confunda o leitor com nenhuma cidade seridoense, tampouco se trata da Nazaré histórica citada nos evangelhos; estou a falar de Campo Grande, pequena cidade do médio oeste do Rio Grande do Norte, em que o Sargento-Mor João do Valle Bezerra, perdendo sua filha Ana, construiu Capela em honra da Santa, e hoje a cidade alegra-se por tê-la como padroeira e protetora. Infortúnio de uns, alegria de outros!

Pois bem, o temor é generalizado. No largo de Zé Branco não se avista um pé de gente fora de seu portão, tampouco se veem as lanchonetes lotadas; as lojas fecham pontualmente às 17h; já os donos de comércio, ao menor rumor da presença dos salteadores, tratam logo de cerrar-lhe as portas; e os bares são frequentados tão somente por alguns ébrios habituais, cuja ideia fixa não lhes permite ficar em casa.

Não se trata de pusilanimidade do povo campo-grandense, ao contrário. Diz Aristóteles que a virtude da coragem é o meio termo entre o medo e a insensatez. De fato, sair às ruas em plena iminência de assalto é uma precipitação tamanha; ninguém em sã consciência chega a esse ponto, no máximo espia pela brecha da porta para tomar conhecimento de quem é a vítima da vez.

Fato tão dramático sucede que a pequena cidade recebeu visita de equipe de televisão da capital, a fim de elaborar matéria jornalística sobre os dias de terror. O nome do responsável pela matéria não me recordo, mas causou alvoroço nos telespectadores o fato de haver se referido aos assaltos como sendo o “novo cangaço”.

Explico-me: há alguns anos tem se difundido comparações de salteadores hodiernos com os cangaceiros de outrora. O *modus operandi* é o elemento mais

usado para traçar um paralelo entre esses fenômenos. Ambos chegam de surpresa, saqueando e causando terror na cidade. O barulho das balas amedronta não só os cães como também seus donos; carros são queimados, e os bandidos despistam a fuga com excelência.

A realidade é que tal comparação não soa bem aos ouvidos sertanejos. Se outrora Lampião e seu bando foram causa de grande perturbação e desassossego, hoje é festejado. Está sólida no imaginário popular a figura do sertanejo que prometeu vingança aos assassinos do pai, formou bando e invadiu cidades à farta.

Na Grotta do Angico, onde sucumbiu o valente cangaceiro, uma multidão de gente se avista visitando as terras onde o seu sangue foi derramado. Ora, se minha prudência não fosse tão adiantada, diria até que parece uma devoção religiosa, mas a afoiteza de alguns o afirmará. Deixo ao leitor o encargo de tal juízo!

Ao mesmo passo, Mossoró revive todos os anos a invasão de Lampião à cidade. O capitão foi atrevido: deu um ultimato ao povo de Santa Luzia, que não se rendeu e o botou para correr com seu bando e tudo. Contudo, nem por isso Lampião se tornou *persona non grata* dos mossoroenses.

Da mesma forma, a cidade de Patu ostenta orgulhosamente o fato de ser filho da Terra o Jesuíno Brilhante, bandoleiro precursor do chamado cangaço social. Malgrado ser de família abastada, passou a roubar dos ricos para dar aos pobres, fato que o diferencia dos cangaceiros mais modernos. Afamado, o Robin Hood patuense recebe o nome de ruas, praças e restaurantes.

Diante dessa realidade, há de se indagar o motivo pelo qual os cangaceiros caíram tanto no gosto popular. Frederico Pernambucano de Melo suspeita que esse fato encontra respaldo na admiração que os gregos antigos nutriam pela figura dos heróis, seres capazes de fazer grandes feitos, para o bem ou para o mal.

A explicação de Pernambucano de Melo me parece plausível, porém não me convence totalmente. A diferença substancial dos cangaceiros com os assaltantes de hoje talvez consista nos motivos determinantes de seus crimes – porquanto uns roubam para satisfazer suas vãs necessidades, outros roubavam para não serem esquecidos –, mas isso é apenas uma conjectura.

Enquanto não deciframos esse enigma, Campo Grande e região rezam para que esse momento de terror passe logo, para que os sertanejos possam retornar ao seu *modus vivendi* tradicional, com a tranquilidade que lhe é tão valorosa.